

1906 H. G. WELLS

A porta no muro

SÉRIE CONTOS
FANTÁSTICOS
SOCIEDADE DAS
RELÍQUIAS
LITERÁRIAS

TRADUÇÃO
DE REGIANE
WINARSKI



(SRL)

1906 H. G. WELLS

A porta no muro

SÉRIE CONTOS
FANTÁSTICOS
SOCIEDADE DAS
RELÍQUIAS
LITERÁRIAS

TRADUÇÃO
DE REGIANE
WINARSKI



(SRL)

OceanofPDF.com

(

Sociedade DAS Relíquias Literárias

BY EDITORA WISH

Tradução:

Regiane Winarski

Preparação:

Camila Fernandes

Revisão:

Karine Ribeiro

Capa e projeto gráfico:

Marina Avila

Ilustração de capa:

Bi Miura

2020

Copyright 2020 Editora Wish. Este material possui direitos de tradução e publicação e não pode ser distribuído ou divulgado sem prévia autorização da editora.

OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

A porta no muro

H. G. Wells, 1906

I

Numa noite de confidências, menos de três meses atrás, Lionel Wallace me contou esta história da Porta no Muro. Na ocasião, achei que, para ele, a história fosse real.

Ele a contou com uma convicção tão simples e direta que não pude deixar de acreditar. Mas, de manhã, no meu apartamento, acordei num ambiente diferente, e, enquanto ainda estava deitado na cama e lembrava as coisas que ele tinha me contado, agora sem o glamour da voz sincera e lenta, desprovidas da iluminação fraca do abajur, da atmosfera irreal que o envolvia e de coisas agradáveis como a sobremesa, os copos e os guardanapos do nosso jantar, que tornavam tudo um mundinho reluzente e distante das realidades cotidianas, passei a ver a história como simplesmente inacreditável.

— Ele me iluiu! — falei, e depois: — E como fez isso bem!... Não é o tipo de coisa que eu esperaria que logo ele fizesse bem.

Depois, quando me sentei na cama e tomei meu chá matinal, comecei a tentar entender o tom de realidade que me deixou perplexo nas reminiscências impossíveis, supondo que de alguma forma sugerissem, apresentassem, transmitissem (nem sei que palavra usar) experiências que eram impossíveis de relatar.

Bem, não recorro a essa explicação agora. Já superei minhas dúvidas. Acredito agora, como acreditei no momento em que a história foi contada, que Wallace se esforçou ao máximo para revelar a verdade do segredo dele para mim. Mas, se ele mesmo via, ou se só achava que via, se era dono de um privilégio inestimável ou se era vítima de um sonho fantástico, não posso nem fingir que sei. Mesmo os fatos da morte dele, que acabaram com minhas dúvidas de vez, não esclarecem isso. É algo que o leitor vai ter que julgar por si mesmo.

Não lembro agora que comentário ou crítica minha levou um homem tão reticente a se confidenciar a mim. Acho que estava se defendendo de uma acusação de indolência e falta de confiabilidade que eu tinha feito em relação a um grande movimento público no qual ele havia me decepcionado. Mas ele declarou de repente:

— Tenho uma preocupação...

Depois de uma pausa que dedicou à observação da cinza do charuto, ele continuou:

— Sei que fui negligente. O fato é que... não é um caso de fantasmas e nem de aparições... mas... é uma coisa estranha de contar, Redmond... Eu sou assombrado. Sou assombrado por uma coisa... que tira a luz das coisas, me enche de desejos...

Ele fez uma pausa, carregada daquela timidez inglesa que tanto nos assola quando falamos de coisas comoventes, graves ou lindas.

— Você estava em Saint Athelstan o tempo todo — disse ele, e por um momento isso me pareceu bem irrelevante. — Bem.

Fez uma pausa. Com hesitação no começo e depois com mais facilidade, começou a contar sobre a coisa que estava escondida na vida dele, sobre a lembrança fantasma de uma beleza e uma felicidade que enchiam seu coração de desejos insaciáveis que faziam todos os interesses e espetáculos da vida mundana parecerem insípidos, tediosos e inúteis para ele.

Agora que sei mais, a coisa parece escrita visivelmente na cara dele. Tenho uma fotografia na qual aquela expressão de indiferença foi capturada e intensificada. Lembra o que uma mulher disse sobre ele uma vez, uma mulher que o amou muito. “De repente”, disse ela, “o interesse dele desaparece. Ele se esquece de você. Não se importa nem um pouco com você, que está bem debaixo do nariz dele...”

Mas o interesse não estava sempre ausente em Wallace, e, quando estava prestando atenção a alguma coisa, ele podia parecer um homem extremamente bem-sucedido. Sua carreira é de fato feita de sucessos. Ele me ultrapassou muito tempo atrás; alçou posições muito acima da minha e conquistou um espaço no mundo que eu não conseguiria. Ainda faltava um ano para ele completar quarenta e dizem agora que ele estaria no governo e muito provavelmente no novo Gabinete se estivesse vivo. Na escola, ele sempre me superava sem esforço algum, como se pela própria natureza. Estudamos juntos no Colégio Saint Athelstan, em West Kensington, durante quase todos os anos letivos. Ele entrou na escola como meu semelhante, mas terminou bem acima de mim, numa explosão de bolsas de estudo e desempenho brilhante, embora eu ache que meu rendimento foi bem

razoável. E foi na escola que ouvi falar pela primeira vez da Porta no Muro, sobre a qual ouviria pela segunda vez somente um mês antes da morte dele.

Para ele, pelo menos, a Porta no Muro era uma porta de verdade que levava de um muro real a realidades imortais. Disso, agora tenho certeza.

E apareceu na vida dele cedo, quando ele era um garotinho de 5 ou 6 anos. Lembro como, enquanto fazia suas confidências com uma seriedade lenta, ele refletiu e admitiu a data.

— Havia hera-americana vermelha nela, um tom carmim vibrante e uniforme ao sol âmbar num muro branco. Apareceu de repente, embora eu não lembre bem como, e havia folhas de castanheira-da-índia no chão limpo na frente da porta verde. Estavam com manchas amarelas e verdes, sabe, não marrons nem sujas. Deviam ter acabado de cair. Acho que deve significar que era outubro. Eu procuro folhas de castanheiro-da-índia todos os anos e as conheço bem.

“Se estiver certo a respeito disso, eu tinha 5 anos e 4 meses de idade.”

Ele disse que era um garotinho precoce: aprendeu a falar absurdamente cedo e era tão são e “antiquado”, como as pessoas dizem, que tinha permissão para tomar iniciativas que a maioria das crianças não tem aos 7 nem aos 8 anos. Sua mãe morreu quando ele nasceu, e por isso ficou sob os cuidados menos vigilantes e autoritários de uma governanta. Seu pai era um advogado severo e ocupado, que lhe dava pouca atenção e esperava grandes coisas dele. Com toda a sua inteligência, acredito que ele achava a vida meio cinzenta e enfadonha. Um dia, ele saiu vagando.

Não lembrava qual foi a negligência que permitiu que ele saísse, nem o rumo que tomou nas ruas de West Kensington. Tudo isso desapareceu em meio aos borrões incuráveis da memória. Mas o muro branco e a porta verde se destacavam de forma distinta.

No desenrolar da lembrança daquela experiência infantil remota, ele sentiu uma emoção peculiar na primeira vez que viu a porta. Foi uma atração, um desejo de alcançá-la, abri-la e entrar. Ao mesmo tempo, teve a convicção clara de que era imprudente ou errado (não sabia bem qual das duas opções) ceder a essa atração. Insistiu que era curioso ter percebido desde o comecinho, a não ser que sua memória estivesse lhe pregando uma peça, que a porta estava destrancada, que ele poderia entrar se quisesse.

Quase consigo ver o garotinho, atraído e repellido ao mesmo tempo. E também estava bem claro na mente dele, embora o motivo jamais tenha sido explicado, que o pai ficaria furioso se ele entrasse pela porta.

Wallace descreveu todos os momentos de hesitação com minuciosos detalhes. Ele passou em frente à porta e, com as mãos nos bolsos, fazendo uma tentativa infantil de assobiar, foi até o fim do muro. Lembrava-se de uma variedade de lojas comuns e sujas e principalmente de um encanador e pintor, com uma variedade poeirenta de canos de cerâmica, torneiras de chumbo, amostras de papel de parede e latas de tinta. Ele parou e fingiu examinar essas coisas, desejando secreta e apaixonadamente a porta verde.

Ele contou que teve um ímpeto de emoção. Saiu correndo para que a hesitação não se apossasse dele novamente, atravessou com a mão esticada a porta verde e deixou que se fechasse ao passar. E assim, num instante, foi parar no jardim que assombrou toda a sua vida.

Foi muito difícil para Wallace expressar sua compreensão do jardim no qual tinha ido parar.

Havia algo no ar de lá que inspirava euforia, que dava uma sensação de leveza e coisas boas e bem-estar; havia algo na visão que deixava todas as cores limpas e perfeitas e sutilmente luminosas. No momento em que entrou, o sentimento foi de uma felicidade intensa... como só acontece em raros momentos e quando se é jovem e cheio de vida e se pode ficar feliz neste mundo. E tudo era lindo lá...

Wallace parou para refletir antes de continuar contando.

— Sabe — disse ele com a inflexão cheia de dúvidas de um homem que se detém diante das coisas incríveis —, havia duas onças enormes lá... Sim, onças-pintadas. E não senti medo. Havia um caminho longo e amplo com canteiros de mármore cheios de flores dos dois lados, e esses dois animais enormes de pelo aveludado estavam brincando ali com uma bola. Um olhou e veio na minha direção, parecendo muito curioso. Aproximou-se de mim, roçou a orelha redonda e macia com muita delicadeza na mãozinha que estiquei e ronronou. Estou dizendo, era um jardim encantado. Eu sei. E o tamanho? Ah! Prolongava-se para a frente e para os lados, para lá e para cá. Acredito que havia colinas ao longe. Só Deus sabia onde West Kensington tinha ido parar de repente. E, de alguma forma, foi como ir para casa.

“No momento em que a porta se fechou atrás de mim, esqueci a rua com as folhas caídas, os táxis e carrinhos de comerciantes, esqueci o tipo de atração gravitacional para a disciplina e a obediência de casa, esqueci todas as hesitações e medos, esqueci a discrição, esqueci todas as realidades íntimas desta vida. Em um momento, me tornei um garotinho muito feliz e maravilhado... em outro mundo. Era um mundo com atributos diferentes, uma luz mais calorosa, mais penetrante e suave, com uma felicidade clara e leve no ar e fios de nuvens tocadas pelo sol no azul do céu. À minha frente, havia um caminho longo e amplo, convidativo, com canteiros sem ervas daninhas dos dois lados, carregados de flores sem poda, e as duas onças enormes. Passei as mãos sem medo no pelo macio e acariciei as orelhas redondas e os cantos sensíveis embaixo das orelhas e brinquei com elas e pareceu que me davam as boas-vindas ao lar. Havia uma sensação clara de volta para o lar na minha mente, e, quando uma garota alta e loura apareceu no caminho e veio falar comigo, sorrindo, e disse “E então?”, me pegou no colo, me beijou, me pôs no chão e me pegou pela mão, não houve surpresa, mas só uma impressão de certeza prazerosa, de ser lembrado de coisas felizes que tinham sido, estranhamente, deixadas de lado. Havia degraus largos, lembro bem, que apareceram entre galhos de delfínios, e subindo por eles chegamos a uma grande alameda entre árvores muito velhas e escuras. Por toda essa alameda, entre os troncos vermelhos e sulcados, havia assentos de honra e estátuas de mármore, e pombas brancas muito mansas e amistosas...

“E por toda essa alameda a minha amiga me levou, olhando para baixo — eu me lembro dos traços agradáveis, do queixo delicado no rosto doce e gentil —, ... me fazendo perguntas com uma voz baixa e simpática, e contando coisas, coisas agradáveis, eu sei, embora o que eram eu nunca tenha conseguido lembrar... E, de repente, um macaquinho-prego, muito limpo, com pelo castanho-avermelhado e olhos dóceis cor de mel, desceu de uma árvore até nós e correu ao meu lado, olhando para mim e sorrindo, e pulou no meu ombro. Nós seguimos com grande felicidade...”

Ele fez uma pausa.

— Continue — falei.

— Eu me lembro de pequenas coisas. Passamos por um velho meditando entre louros, lembro bem, e por um lugar animado com periquitos, e percorremos uma colunata ampla e sombreada até chegarmos a

um palácio espaçoso e fresco, cheio de chafarizes agradáveis, de coisas lindas, dos atributos e das promessas do desejo de um coração. E havia muitas coisas e muitas pessoas, algumas que ainda parecem se destacar com clareza e outras indistintas, mas todas eram lindas e gentis. De certa forma, não sei como, entendi que todas eram gentis comigo, que estavam felizes por eu estar lá, e me encheram de alegria com seus gestos, com o toque de suas mãos, com o acolhimento e o amor em seus olhos. Sim...

Ele refletiu por um tempo.

— Encontrei amigos lá. Isso significou muito para mim, porque eu era um garotinho solitário. As pessoas estavam se entretendo com jogos divertidos numa quadra coberta de grama onde havia um relógio de sol enfeitado de flores. E, nas brincadeiras, havia amor...

“Mas... é estranho. Há uma lacuna na minha memória. Não me lembro do que brincamos. Nunca lembrei. Depois, quando criança, passei horas tentando, mesmo às lágrimas, recordar a forma daquela felicidade. Eu queria reviver as brincadeiras, no meu quartinho de brinquedos, sozinho. Não! Só lembro a felicidade e os dois amigos que ficaram mais comigo... E de repente apareceu uma mulher morena e sombria, com rosto sério e pálido e olhos sonhadores, uma mulher sombria usando um vestido longo e macio de um tom claro de roxo, carregando um livro, que fez sinal para mim e me levou com ela até a galeria acima de um salão... embora meus amigos tivessem ficado contrariados ao me ver partir, parando o jogo e olhando enquanto eu era levado. ‘Volte para nós!’, exclamaram eles. ‘Volte para nós logo!’ Olhei para o rosto da mulher, mas ela não deu atenção a eles. Sua expressão era muito gentil e séria. Ela me levou até um banco na galeria e fiquei imóvel ao seu lado, pronto para olhar o livro quando ela o abriu sobre o joelho. As páginas se abriram. Ela apontou e eu olhei, impressionado, pois, nas páginas vivas daquele livro, eu me vi; era uma história sobre mim, e nela havia todas as coisas que tinham acontecido comigo desde que nasci...

“Foi maravilhoso para mim porque as páginas daquele livro não traziam desenhos, entende, mas realidades.”

Wallace fez uma pausa séria e me olhou com dúvida.

— Continue — pedi. — Eu entendi.

— Eram realidades... sim, deviam ser; as pessoas se mexiam e as coisas iam e vinham nelas. Minha querida mãe, que eu quase tinha

esquecido; meu pai, severo e honrado, os criados, meu quarto e todas as coisas familiares de casa. A porta da frente e as ruas movimentadas, com trânsito para lá e para cá. Olhei e fiquei impressionado, mas olhei com certa dúvida, de novo, para o rosto da mulher e virei as páginas, pulando isso e aquilo, para ver mais do livro, e mais, até que enfim cheguei a mim parado e hesitante em frente à porta verde no muro branco e comprido e senti mais uma vez o conflito e o medo.

“‘E depois?’, perguntei, e teria virado a página, mas a mão fria da mulher séria me segurou.

“‘Depois?’, insisti, e lutei delicadamente com a mão dela, levantando seus dedos com toda a minha força infantil, e, quando ela cedeu e a página virou, ela se inclinou na minha direção como uma sombra e beijou a minha testa.

“Mas a página não mostrava o jardim encantado, nem as onças, nem a garota que me levara pela mão, nem os amigos de brincadeira que relutaram tanto em me deixar partir. Mostrava uma rua comprida e cinzenta em West Kensington, naquela hora fria da tarde antes de todos os postes se acenderem, e eu estava lá, uma figurinha lamentável, chorando alto, incapaz de me controlar, e chorava porque não podia voltar aos meus queridos companheiros de brincadeira que gritaram para mim: ‘Volte para nós! Volte para nós logo!’. Eu estava lá. Aquilo não era a página de um livro, mas a dura realidade; aquele lugar encantado e a mão controladora da mãe séria junto a quem fiquei tinham sumido. Para onde tinham ido?”

Ele parou de novo e ficou mudo por um tempo, olhando para o fogo.

— Ah! A infelicidade daquele retorno! — murmurou ele.

— E depois? — perguntei depois de um minuto.

— Que pobre coitado infeliz eu fiquei, trazido de volta a este mundo cinzento! Quando me dei conta da totalidade do que tinha acontecido comigo, fui tomado por uma dor incontrolável. E a vergonha e a humilhação daquele choro em público e do meu retorno maldito ainda estão dentro de mim. Vejo novamente o velho cavalheiro de aparência benevolente e óculos dourados que parou e falou comigo, primeiro, me cutucando com o guarda-chuva. “Pobrezinho”, disse ele. “Está perdido?” E eu, um garoto de Londres de 5 anos! E ele chamou um jovem policial gentil e uma multidão se formou

ao meu redor e me levou para casa. Chorando, exposto e assustado, fui do jardim encantado para os degraus da casa do meu pai.

“Isso é o melhor que consigo me lembrar da minha visão daquele jardim, o jardim que ainda me assombra. Claro que não sou capaz de transmitir a qualidade indescritível de irrealidade translúcida, aquela diferença das coisas comuns da experiência que permeava tudo; mas isso... isso foi o que aconteceu. Se foi um sonho, tenho certeza de que foi um sonho acordado e extraordinário... Hum! Naturalmente, em seguida veio um interrogatório horrível, da minha tia, do meu pai, da babá, da governanta, de todo mundo...

“Tentei contar para eles, e meu pai me deu minha primeira sova por mentir. Quando tentei contar para minha tia depois, ela me puniu de novo pela minha insistência imoral. Depois, como falei, todo mundo ficou proibido de me ouvir, de ouvir uma palavra sobre o acontecido. Até meus livros de contos de fadas foram tirados de mim por um tempo... porque eu ‘fantasiava demais’. Hã? Sim, fizeram isso mesmo! Meu pai era antiquado... E minha história foi sufocada dentro de mim. Eu a sussurrei para meu travesseiro, um travesseiro que costumava ficar úmido e salgado devido a meus lábios murmurando entre lágrimas infantis. E acrescentei às minhas orações oficiais e cada vez menos fervorosas um pedido de coração: ‘Deus, por favor, que eu possa sonhar com o jardim. Ah! Me leve de volta ao meu jardim! Me leve de volta ao meu jardim!’

“Sonhei muitas vezes com o jardim. Posso ter ampliado a lembrança, posso tê-la modificado; não sei... Você entende que tudo isso é uma tentativa de reconstruir uma experiência muito precoce a partir de lembranças fragmentadas. Entre isso e as outras recordações consecutivas da minha infância, há um abismo. Houve uma época em que pareceu impossível para mim voltar a falar daquele maravilhoso vislumbre.”

Fiz uma pergunta óbvia.

— Não — disse ele. — Não me lembro de ter tentado voltar para o jardim naquela época de infância. Parece estranho agora, mas acho que é bem possível que meus movimentos tenham passado a ser vigiados com atenção depois da minha desventura, para impedir que eu me perdesse de novo. Não, só depois que você já me conhecia foi que tentei reencontrar o jardim. E acredito que tenha havido um período, por incrível que pareça agora, quando me esqueci completamente do jardim... Deve ter sido quanto

eu tinha uns 8 ou 9 anos. Você se lembra de mim criança, em Saint Athelstan?

— Claro!

— Não dei sinais naquela época de ter um sonho secreto, dei?

II

Ele olhou para mim com um sorriso repentino.

— Você já brincou de Passagem do Noroeste comigo?... Não, você não fazia o mesmo caminho que eu!

Ele continuou:

— Era o tipo de jogo que toda criança criativa faz o dia todo. A ideia era a descoberta de uma passagem noroeste para a escola. O caminho para a escola era bem simples; o jogo consistia em encontrar um caminho que não fosse simples, saindo dez minutos mais cedo numa direção qualquer, quase impossível, e seguindo por ruas desconhecidas até meu objetivo. E, num dia, me meti numas ruas de classe baixa do outro lado de Campden Hill e comecei a achar que, pela primeira vez, o jogo me venceria e eu chegaria atrasado à escola. Tentei desesperadamente seguir por uma rua que parecia não ter saída e encontrei uma passagem no final. Corri por lá com esperança renovada. “Pode ser que eu consiga”, pensei, e passei por uma fileira de lojinhas imundas que eram inexplicavelmente familiares e, ora! Lá estava meu muro branco e comprido e a porta verde que levava ao jardim encantado!

“A visão me pegou de surpresa. Afinal, aquele jardim, aquele jardim maravilhoso, não era sonho!...”

Ele fez uma pausa.

— Acho que minha segunda experiência com a porta verde marca o mundo de diferença que existe entre a vida ocupada de um estudante e o lazer infinito de uma criança pequena. Nessa segunda vez, não pensei nem por um momento em entrar naquele hora. É que... Primeiro, minha mente estava tomada pela ideia de chegar à escola na hora, determinada a não quebrar meu recorde de pontualidade. Eu devo ter sentido ao menos um desejo de experimentar a porta. Sim, devo ter sentido isso... Mas acho que me lembro da atração da porta mais como outro obstáculo à minha determinação dominante de chegar à escola. Fiquei imediatamente

interessado na descoberta que tinha feito, claro, segui com a cabeça tomada por ela, mas fui para a escola. A porta não me deteve. Passei correndo, olhando o relógio, vi que me sobravam dez minutos e desci a ladeira até um ambiente conhecido. Cheguei à escola, sem fôlego, é verdade, e molhado de suor, mas na hora. Lembro-me de pendurar o casaco e o chapéu... Passei direto pela porta e a deixei para trás. Estranho, não é?

Ele me olhou, pensativo.

— Claro que eu não sabia, na ocasião, que a porta nem sempre estaria lá. Os estudantes têm imaginação limitada. Acho que eu pensava que era ótimo ela estar lá, eu saber como chegar a ela, mas a escola estava me chamando. Devo ter ficado bem distraído e desatento naquela manhã, lembrando o que conseguia das pessoas lindas e estranhas que eu logo voltaria a ver. Estranhamente, eu não tinha dúvida de que elas ficariam felizes em me ver... Sim, devo ter pensado no jardim naquela manhã como o tipo de lugar alegre ao qual alguém poderia recorrer nos interlúdios de uma carreira estudantil extenuante.

“Não voltei naquele dia. O dia seguinte era de folga parcial e isso talvez tenha me influenciado. Talvez meu estado de desatenção também tenha gerado cobranças sobre mim e consumido a margem de tempo necessária para o desvio de caminho. Não sei. O que sei é que, nesse intervalo, o jardim encantado ficou tanto na minha mente que não consegui guardá-lo só para mim.

“Eu contei... Qual era o nome dele? Um jovem com aparência de furão que a gente chamava de Squiff.”

— O jovem Hopkins — falei.

— Hopkins, isso mesmo. Não gostei de contar para ele, tive uma sensação de que era contra as regras contar, mas contei. Ele fez parte do caminho de volta para casa comigo; era falante, e, se não tivéssemos conversado sobre o jardim encantado, teríamos falado sobre outra coisa, e era intolerável para mim pensar em qualquer outro assunto. Por isso, falei.

“Bom, ele contou meu segredo. No dia seguinte, no recreio, me vi cercado de seis garotos maiores, me provocando um pouco e muito curiosos para ouvir mais sobre o jardim encantado. Tinha aquele grandalhão, Fawcett, se lembra dele? E também Carnaby e Morley Reynolds. Você não estava lá, por acaso? Não, acho que eu lembraria se você estivesse...”

“Um menino é uma criatura de sentimentos estranhos. Acredito de verdade que fiquei, apesar da minha repulsa secreta por mim mesmo, meio lisonjeado de ter a atenção daqueles garotos grandes. Lembro especialmente um momento de prazer causado pelo elogio de Crawshaw... Lembra-se de Crawshaw, filho do compositor Crawshaw? Ele disse que era a melhor mentira que já tinha ouvido. Mas, ao mesmo tempo, senti uma pontada dolorosa de vergonha pela revelação do que eu acreditava que era mesmo um segredo sagrado. Aquele animal do Fawcett fez uma piada sobre a garota de verde...”

A voz de Wallace ficou mais baixa com a lembrança daquela vergonha.

— Eu fingi não ouvir — disse ele. — Então, Carnaby me chamou de repente de menino mentiroso e duvidou de mim quando falei que era verdade. Eu disse que sabia onde ficava a porta verde e que podia levar todos até lá em dez minutos. Carnaby bancou o virtuoso e disse que eu teria que fazer isso mesmo... e confirmar minhas palavras ou sofrer as consequências. Carnaby já torceu seu braço? Talvez você entenda então como foi comigo. Jurei que minha história era verdade. Não havia ninguém na escola para salvar um garoto do Carnaby, apesar de Crawshaw ter protestado. Carnaby estava como gostava. Fiquei animado e corado, além de um pouco assustado. Me comportei como um idiota e o resultado de tudo foi que, em vez de ir sozinho para o meu jardim encantado, fui na frente, com bochechas vermelhas, orelhas quentes, olhos atentos e minha alma ardendo de infelicidade e vergonha, de um grupo de seis colegas de escola debochados, curiosos e ameaçadores.

“Nós nunca encontramos o muro branco e a porta verde...”

— Você quer dizer...?

— Quero dizer que não consegui encontrar. Eu teria encontrado se pudesse.

“E depois, quando pude ir sozinho, também não consegui encontrá-la. Nunca encontrei. Agora, parece que sempre a procurei durante meus tempos de estudante, mas nunca mais a vi.”

— Os rapazes... foram desagradáveis?

— Bestiais... Carnaby armou um julgamento por eu ter mentido descaradamente. Lembro que entrei em casa escondido e subi a escada para não revelar o som dos meus soluços. Mas, quando dormi de tanto chorar, não

foi por causa de Carnaby, e sim do jardim, por causa da bela tarde que desejei, pelas mulheres doces e simpáticas e pelos amigos que me aguardavam e pelo jogo que esperei aprender de novo, aquele jogo lindo e esquecido...

“Acreditei firmemente que, se eu não tivesse contado... Tive momentos ruins depois, de chorar à noite e devanear durante o dia. Por dois semestres, me descuidei e tive notas ruins. Lembra? Claro que lembra! Foi você. Foi quando você me superou em matemática que voltei a me dedicar aos estudos.

III

Por um tempo, meu amigo olhou em silêncio para o coração vermelho da lareira. Por fim, disse:

— Só voltei a vê-la quando tinha 17 anos.

“Surgiu na minha frente pela terceira vez quando eu estava indo para Paddington a caminho de Oxford, tentar minha bolsa de estudos. Tive só um vislumbre momentâneo. Eu estava inclinado na janela do meu cabriolé fumando um cigarro, sem dúvida me achando um homem do mundo, e de repente apareceu a porta, o muro, a sensação de coisas inesquecíveis, mas ainda alcançáveis.

“Nós passamos direto; fiquei surpreso demais para mandar o táxi parar até termos passado e dobrado a esquina. Tive um momento estranho, um momento duplo e divergente na minha vontade: bati na portinha perto do teto do táxi e baixe o braço para pegar o relógio. ‘Sim, senhor!’, disse o condutor rapidamente. ‘Ah... bem... não é nada’, declarei. ‘Engano meu! Não temos muito tempo! Continue!’, e ele continuou...

“Consegui minha bolsa de estudos. E, na noite seguinte àquela em que fui informado sobre isso, fiquei sentado em frente à lareira no meu quatinho no segundo andar, meu estúdio, na casa do meu pai, com o elogio dele, um raro elogio, e os conselhos sensatos ecoando nos meus ouvidos, e fumei meu cachimbo favorito, a incrível teimosia da adolescência, e pensei naquela porta no muro branco e comprido. ‘Se eu tivesse parado’, pensei, ‘teria perdido a bolsa de estudos, teria perdido Oxford... teria estragado a bela carreira à minha frente! Eu começo a ver as coisas com mais clareza!’ Caí numa reflexão profunda, mas não duvidei naquele momento que essa minha carreira merecia sacrifícios.

“Aqueles amigos queridos e o ambiente de lá me pareceram doces, muito agradáveis, mas remotos. Agora, meu foco era no mundo. Eu via outra porta se abrindo: a porta da minha carreira.”

Ele olhou novamente para a lareira. Por um momento, as chamas vermelhas destacaram no rosto dele uma força teimosa, que de repente sumiu.

— Bem — disse ele e suspirou. — Eu segui a carreira. Fiz muita coisa, trabalhei muito, trabalhei arduamente. Mas tive mil sonhos com o jardim encantado e vi a porta, ou ao menos a vislumbrei, quatro vezes desde então. Sim, quatro vezes. Por um tempo, este mundo foi tão colorido e interessante, pareceu tão cheio de significados e oportunidades, que o charme meio apagado do jardim era, por comparação, desbotado e remoto. Quem quer fazer carinho numa onça quando está indo jantar com mulheres bonitas e homens distintos? Cheguei de Oxford a Londres, um homem promissor que fez um tanto para compensar o que se esperava dele. Um tanto, mas houve decepções...

“Duas vezes, me apaixonei. Não vou ficar falando disso, mas uma vez, quando procurei uma pessoa que sei que duvidava que eu tivesse coragem de procurá-la, peguei um atalho por uma rua pouco movimentada perto de Earl’s Court e dei de cara com um muro branco e uma porta verde familiar. ‘Que estranho’, eu disse para mim mesmo, ‘achei que este lugar ficasse em Campden Hill. É o lugar que nunca consegui encontrar, como contar as pedras de Stonehenge, o lugar daquela fantasia estranha que tive.’ E segui em frente, determinado a seguir meu caminho. Naquela tarde, a porta não teve apelo para mim.

“Tive só um impulso momentâneo de tentar abrir a porta, três passos para o lado bastavam, embora eu tivesse certeza, no meu coração, de que se abriria para mim. Mas pensei que fazer isso me atrasaria para o encontro no qual eu achava que minha honra estava envolvida. Depois, lamentei minha pontualidade; teria sido melhor ao menos dar uma espiada e acenar para as onças, mas eu já sabia que não deveria procurar depois o que não se encontra procurando. Sim, aquela vez me fez lamentar muito...

“Anos de trabalho árduo depois, não tive mais nenhum vislumbre da porta. Só recentemente foi que apareceu de novo para mim. Com ela, veio a sensação de que uma mancha tênue tinha se espalhado pelo meu mundo. Comecei a pensar nele como uma coisa lamentável e amarga por eu nunca

mais poder ver a porta. Talvez eu estivesse sofrendo de excesso de trabalho; talvez tenha sido o que já ouvi chamarem de crise dos quarenta. Não sei. Mas o brilho intenso que torna o esforço fácil sumiu das coisas recentemente, e isso numa época com tantos novos acontecimentos políticos... quando eu deveria estar trabalhando. Estranho, não é? Mas começo a achar a vida penosa e as recompensas, quando começo a obtê-las, desprezíveis. Comecei um tempo atrás a desejar muito o jardim. Sim... e já vi três vezes.

— O jardim?

— Não, a porta! E não entrei!

Ele se inclinou por cima da mesa na minha direção, a voz tomada por um enorme sofrimento.

— Três vezes tive a oportunidade... três! Se aquela porta aparecer para mim de novo, juro, vou entrar e fugir dessa poeira e desse calor, desse brilho vão da vaidade, dessas futilidades penosas. Vou entrar e não vou voltar. Desta vez, vou ficar... Eu jurei, mas, quando a hora chegou... não fui.

“Três vezes em um ano eu passei pela porta e não consegui entrar. Três vezes no ano passado.

“A primeira vez foi na noite da divisão da Lei da Amortização dos Inquilinos, na qual o governo foi salvo por três votos. Lembra? Ninguém do nosso lado e talvez bem poucos do outro esperavam o fim daquela noite. O debate se desfez com a fragilidade de cascas de ovo. Eu e Hotchkiss estávamos jantando com o primo dele em Brentford, nós dois desacompanhados, e fomos chamados por telefone e partimos no automóvel do primo dele. Chegamos quase atrasados e, no caminho, passamos pelo meu muro e pela minha porta... lívida ao luar, manchada de amarelo quando o brilho dos faróis a iluminou, mas inconfundível. ‘Meu Deus!’, exclamei. ‘O quê?’, perguntou Hotchkiss. ‘Nada!’, respondi, e o momento passou.

“‘Fiz um grande sacrifício’, falei ao líder do partido quando entrei. ‘Todos fizeram’, disse ele, e seguiu apressado.

“Não sei como eu podia ter feito diferente. A ocasião seguinte foi quando eu estava correndo para me despedir do meu pai em seu leito de morte. Naquele momento, as exigências da vida também foram imperativas. Mas a terceira vez foi diferente; aconteceu uma semana atrás. Fico tomado de remorso quando lembro. Eu estava com Gurker e Ralphs; não é segredo e

agora você sabe que já conversei com Gurker. Estávamos jantando no Frobisher's e a conversa ficou íntima entre nós. A questão da minha posição no ministério reconstruído sempre ficava além dos limites da discussão. Sim, sim. Isso está resolvido. Melhor não falar nada ainda, mas não há motivo para guardar segredo de você... Sim, obrigado! Obrigado! Mas me deixe contar a história.

“Naquela noite, as coisas estavam no ar. Minha posição era delicada. Eu estava ansioso para ouvir uma palavra decisiva de Gurker, mas fui atrapalhado pela presença de Ralphs. Estava usando toda a minha capacidade mental para fazer com que a conversa leve e inconsequente não fosse obviamente dirigida ao ponto que me interessava. Tive que fazer isso. O comportamento de Ralphs desde então mais do que justificou minha cautela... Ralphs, eu sabia, nos deixaria depois da Kensington High Street e aí eu poderia surpreender Gurker com minha franqueza repentina. Às vezes, é preciso recorrer a esses pequenos artifícios... E então, na margem da minha visão, percebi mais uma vez o muro branco e a porta verde na nossa frente na rua.

“Nós passamos por ela conversando. Eu passei. Ainda vejo a sombra do perfil de Gurker, o claque na cabeça inclinado sobre o nariz proeminente, as muitas dobras do cachecol na frente das nossas sombras conforme andávamos.

“Passei a cinquenta centímetros da porta. ‘Se eu disser boa-noite para os dois e entrar’, perguntei a mim mesmo, ‘o que vai acontecer?’ E estava muito ansioso para ter aquela conversa com Gurker.

“Não pude responder à pergunta no meio de todos os outros problemas. ‘Vão me achar louco’, pensei. ‘E se eu sumir agora! O desaparecimento impressionante de um político proeminente!’ Isso pesou em mim. Mil coisas mundanas, mesquinhas e inconcebíveis pesaram em mim naquela crise.”

Ele se virou para mim com um sorriso triste, falando lentamente.

— Aqui estou! — disse ele.

E repetiu:

— Aqui estou! E minha chance escapou de mim. Três vezes em um ano a porta foi oferecida a mim; a porta que leva à paz, ao prazer, a uma beleza além de qualquer sonho, a uma gentileza que nenhum homem na face da Terra pode conhecer. E eu a rejeitei, Redmond, e ela sumiu...

— Como você sabe?

— Eu sei. Eu sei. Agora, tenho que viver a vida, continuar as tarefas que me seguraram com tanta força quando meus momentos chegaram. Você diz que tenho sucesso... essa coisa vulgar, repugnante, irritante, invejada. Eu tenho. — Ele estava com uma noz na mão. — Se isto fosse meu sucesso... — disse ele, e a esmagou e mostrou para mim.

“Vou dizer uma coisa, Redmond. Essa perda está me destruindo. Há dois meses, há quase dez semanas, não faço nada além dos deveres mais necessários e urgentes no trabalho. Minha alma está tomada por arrependimentos impossíveis de aplacar. À noite, quando há menos chance de ser reconhecido, eu saio. Fico vagando. Sim. Eu me pergunto o que as pessoas pensariam se soubessem. Um ministro do Gabinete, o líder responsável pelo mais vital dos departamentos, vagando sozinho, sofrendo, às vezes lamentando audivelmente, por uma porta, um jardim!”

IV

Vejo agora o rosto meio pálido e o fogo sombrio e desconhecido que surgiu nos olhos dele. Vejo-o vividamente hoje. Relembro as palavras, o tom de voz, com o Westminster Gazette da noite anterior ainda no meu sofá noticiando a morte dele. No almoço de hoje, o clube só falava dele e do estranho enigma de seu destino.

Encontraram o corpo bem cedo na manhã de ontem, em uma escavação funda perto da estação de East Kensington. É um dos buracos que foram cavados em conexão com a extensão da ferrovia para o sul. Fica protegido da entrada do público por um muro de tábuas na rua principal, no qual uma pequena porta foi feita para a conveniência de alguns dos trabalhadores que moram naquela direção. A porta foi deixada aberta por causa de uma confusão entre dois capatazes e foi por lá que ele entrou...

Minha mente está sobrecarregada de perguntas e dúvidas.

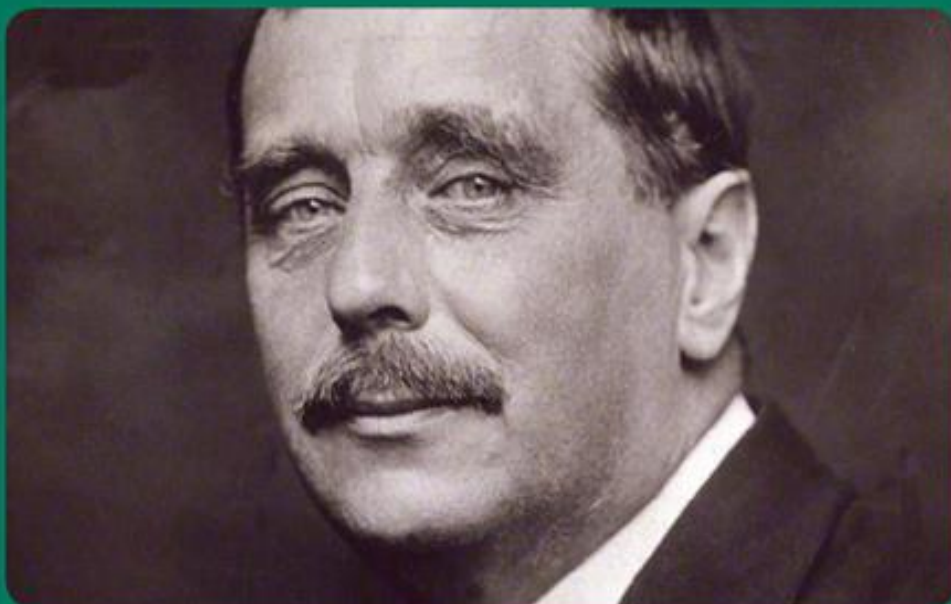
Parece que ele voltou andando do Parlamento na noite anterior; muitas vezes, ele ia andando para casa depois de uma sessão. E imagino sua silhueta escura percorrendo as ruas vazias da madrugada, absorto, concentrado. Seria possível que as luzes elétricas fracas perto da estação tivessem feito as tábuas parecerem brancas? Aquela porta fatal destrancada teria despertado uma lembrança?

Será que já houve, afinal, uma porta verde no muro?

Não sei. contei a história como ele a contou. Há momentos em que acredito que Wallace tenha sido apenas vítima da coincidência entre uma rara mas não inédita alucinação e uma armadilha negligente, mas essa não é minha crença mais predominante. Você pode me achar supersticioso, se quiser, e até tolo; mas, de fato, estou mais do que meio convencido de que ele tinha, na verdade, um dom anormal e uma sensação, algo que não sei o que é, que, na forma de muro e porta, lhe ofereciam uma saída, uma passagem secreta e peculiar de fuga para um mundo diferente e mais bonito. De qualquer modo, podemos dizer que acabou o traindo no final. Mas será mesmo? Aí está o maior mistério desses sonhadores, desses homens de visão e de imaginação. Nós vemos o mundo simples e comum, o muro de tábuas e o buraco. Pelos nossos padrões, ele saiu da segurança para a escuridão, o perigo e a morte. Mas foi assim que ele viu?

The End

OceanofPDF.com



H. G. Wells

Herbert George Wells, conhecido como H. G. Wells (1866 — 1946), foi um escritor britânico. Nos seus primeiros romances, descritos, ao tempo, como "Romance científico", inventou uma série de temas que foram mais tarde aprofundados por outros escritores de ficção científica, e que entraram na cultura popular em trabalhos como *A Máquina do Tempo*, *O Homem Invisível* e *A Guerra dos Mundos*.

Profissionais que trabalharam no resgate deste conto



Regiane Winarski

TRADUÇÃO

Tradutora literária desde 2009 de gêneros como fantasia, horror e romances para adultos e jovens. Já traduziu obras de autores como Stephen King, George R.R. Martin, H.P. Lovecraft e Maya Angelou.

@RegianeWinarski



Camila Fernandes

PREPARAÇÃO

Escritora, tradutora,
preparadora e revisora
de textos. De vez em
quando, ilustradora.

@milaf.autora



Karine Ribeiro

REVISÃO

Escritora, tradutora, re-
visora e leitora crítica,
graduanda em Letras –
Tradução pela UFMG.

@realkirs



Bi Miura

ILUSTRAÇÃO

Tatuadora e ilustradora
sul mato-grossense.

@bimiura



Marina Avila

PROJETO GRÁFICO

Produtora editorial e
fundadora da Wish. Tra-
balha com capas e dia-
gramações. @marinalivros



Valquíria Vlad

**GERENTE DE MARKETING
E EDITORA-ASSISTENTE**

Escritora, pesquisadora
e publicitária formada
pela Universidade
Federal do Ceará (UFC).

@valquiriavlad

O livro do semestre

A cada seis meses, a Wish se comprometeu a enviar, sem nenhum custo adicional aos apoiadores, o e-book de uma ficção longa (maior que um conto ou novela). Nessas últimas semanas, embarcamos em um longo trabalho de pesquisa e escolhemos um título muito especial, que reflete a liberdade feminina e a busca pela felicidade e bem-estar dos nossos corações.

Previsão de envio do e-book: Setembro/2020

OceanofPDF.com

Muito obrigada por apoiar este financiamento coletivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *The Door in the Wall*, original de 1906! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os sócios das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 005/Ago 2020

OceanofPDF.com